

**REFLEXÕES SOBRE O USO DA FAUNA SILVESTRE COMO RECURSO
MEDICINAL PELOS POVOS INDÍGENAS NO SEMIÁRIDO NORDESTINO****REFLECTIONS ON THE USE OF WILDLIFE AS A MEDICINAL RESOURCE BY
INDIGENOUS PEOPLES IN THE NORTHEASTERN SEMI-ARID REGION**Carlos Alberto Batista Santos¹**RESUMO**

A utilização da fauna silvestre é uma prática cultural exercida por diversas sociedades humanas, nas quais, a captura de animais se dá prioritariamente para alimentação, no entanto, muitos desenvolvem relações de afetividade com algumas espécies mantendo-as em cativeiro no interior de seus lares, além disso, os produtos resultantes do abate de animais são utilizados como recursos terapêuticos na medicina tradicional, como elementos mágicos religiosos e na produção do artesanato local. No Brasil diversos estudos já registraram o uso de animais como uma fonte de medicamento desde a época colonial. Especificamente no Nordeste do Brasil, a zooterapia é uma prática comum entre os povos indígenas e juntamente com as plantas medicinais, possuem um papel fundamental no tratamento e cura das doenças. Este manuscrito discute a importância dos sistemas médicos tradicionais com ênfase na zooterapia e suas implicações na conservação das espécies animais.

PALAVRAS-CHAVE: Zooterapia; Povos tradicionais; Cultura; Conservação da biodiversidade local.

ABSTRACT

The use of wild fauna is a cultural practice carried out by several human societies, in which the capture of animals is given primarily for food, however, many develop affective relationships with some species keeping them in captivity inside their homes, In addition, products resulting from the slaughter of animals are used as therapeutic resources in traditional medicine, as magical religious elements and in the production of local handicrafts. In Brazil several studies have already registered the use of animals as a source of medicine since colonial times. Specifically in northeastern Brazil, zooterapy is a common practice among indigenous peoples and together with medicinal plants, they play a key role in the treatment and cure of diseases. This manuscript discusses the importance of traditional medical systems with an emphasis on zooterapy and its implications for the conservation of animal species.

KEY WORDS: Zooterapia; Traditional people; Culture; Conservation of local biodiversity

DOI: 10.21920/recei7201738228236

<http://dx.doi.org/10.21920/recei7201738228236>

¹Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza; Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais, campus III, Juazeiro. E-mail: cabsantos@uneb.br

INTRODUÇÃO

Os seres humanos ao longo de sua história evolutiva, biológica e cultural, desenvolveram diversas interações com os outros seres vivos, em especial com os animais (ALVES et al., 2011), estes, fazem parte da cultura humana, presentes nos mitos, lendas, sonhos, fantasias, histórias, folclore, rituais mágico-religiosos e arte (ALVES et al., 2012a), além das expressões culturais, são utilizados em diferentes práticas humanas de uso e manejo, sejam como alimentos, remédios, ornamentos, na economia ou por sua importância ecológica (REDFORD; ROBINSON, 1987; OJAST, 2000; ALVES et al., 2011). Desta forma, conhecer as relações das populações com a fauna local, levando em consideração os aspectos sociais, econômicos e culturais da região, é uma abordagem necessária quando se trata da conservação desses recursos (CULLEN et al., 2004).

A conservação da biodiversidade e suas diversas formas de abordagem são temas exaustivamente discutidos na atualidade, pois, em todos os ecossistemas, comunidades biológicas que passaram milhões de anos para se desenvolver vêm sendo ameaçadas pelo crescimento da população humana, pelas ações antrópicas e pelo alto consumo de recursos naturais (CULLEN; RUDRAN; VALLADARES-PÁDUA, 2004). Essa situação é agravada pela distribuição desigual dos recursos naturais, de forma acentuada nos países tropicais como o Brasil, que têm uma grande diversidade de espécies e diferentes paisagens naturais (PRIMACK, 2000).

Entre essas paisagens, encontramos a Caatinga, fisionomia presente nas áreas áridas e semiáridas do Nordeste brasileiro, que abriga uma população de cerca de 25 milhões de habitantes (INSA, 2010), e que utiliza a fauna silvestre para diversas finalidades. Envolver essas populações na conservação da biodiversidade é essencial para a permanência dos recursos naturais e manutenção da cultura local (SANTOS et al., 2016). Diegues (2001) considera que para alcançar bons resultados em relação à conservação, a interação das sociedades humanas com a natureza e os conflitos decorrentes do uso e ocupação da paisagem, além da diversidade cultural, são indispensáveis. Sem um esforço em conhecer o modo de vida e de agir das pessoas sobre o meio ambiente, não há conservação da diversidade biológica eficaz (SANTOS et al., 2000).

AS RELAÇÕES ENTRE OS POVOS INDÍGENAS E A FAUNA LOCAL

A multiplicidade de usos, valores e importância atribuídos aos animais, depende do grupo social em estudo (SANTOS-FITA et al., 2012). Os usos tradicionais da fauna demonstra que as relações dos humanos com a vida selvagem são estabelecidas de forma particular por cada cultura (SANTOS-FITA et al., 2009). Por conta dessa premissa, um grande número de espécies animais tem sua utilização enraizada em vários culturais dos povos indígenas, sendo essenciais no cotidiano destes povos (DEHOUE, 2009).

Buscando evidenciar essa valoração, nos últimos anos tem crescido o interesse em pesquisar as várias formas que diferentes sociedades possuem para acessar e usar os recursos naturais, e as ciências naturais tomou a iniciativa procurando integrar algumas perspectivas e

ferramentas das ciências sociais para tratar de questões regionais (RACERO-CASARRUBIA et al., 2008), a exemplo da região semiárida do Nordeste brasileiro, área de domínio da Caatinga, onde os animais são caçados e mortos para fornecer proteína na alimentação, servindo também há muitas outras necessidades (ALVES et al., 2009; BEZERRA et al., 2011), nessa região também é muito comum a perseguição e morte de animais, por causa de suas relações conflituosas com a população humana (ALVES et al., 2009; SANTOS-FITA; COSTA-NETO; SCHIAVETTI, 2010; SANTOS, 2013). A ação sinérgica desses fatores, tem levado algumas espécies da fauna da Caatinga à extinção, a exemplo da ararinha azul (*Cyanopsitta spixii*), e ameaça muitas outras (SILVA et al., 2003).

Estudos sobre a biodiversidade da Caatinga como o desenvolvido por Albuquerque e colaboradores (2012), em trabalho de revisão sobre os recursos naturais ecologia humana e etnobiologia na Caatinga, mostram que os trabalhos publicados sobre o uso da biodiversidade para a Caatinga, com enfoque nos estudos recursos faunísticos têm dado ênfase à zooterapia (ALVES; ROSA; SANTANA, 2007; ALVES et al., 2008; 2009; 2011; ALVES; SOUTO, 2011; COUTINHO et al., 2009; SANTOS; LIMA, 2009; LIMA; SANTOS, 2010; SOUTO et al., 2011; FERREIRA et al., 2012; SANTOS et al., 2016), a usos mágico-religiosos (COSTA NETO, 2002; LEO NETO, 2011; BROOKS; LEO NETO et al., 2012), e à caça (ALVES et al., 2009; 2012b; 2012c; BARBOSA; NOBREGA; ALVES, 2010; FERNANDES-FERREIRA et al., 2012; SANTOS, 2016).

O USO DA FAUNA NA MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA

Crendices, superstições e conhecimentos foram estruturados nas práticas observadas e transmitidas oralmente entre gerações. Entre estes saberes, um se destaca, a medicina popular que alcança um papel importante no sertão árido do Nordeste brasileiro. Nesta região, para combater as doenças todos tem um pouco de curandeiro (PAIVA; CAMPOS, 1995). Os saberes na medicina indígena possuem valores ancestrais, que na sociedade contemporânea, possuem funções importantes. Assim é o trabalho das parteiras, os conhecimentos dos pajés, e a utilização dos animais medicinais (LUCIANO, 2006).

Para os povos indígenas, existem duas formas de contrair uma doença, a primeira provocada ou 'feitas' por pessoas. Sobre isso Metraux (1948), conta que para os Tupinambás, os espíritos dos mortos lhes causavam doenças, impediam a vinda das chuvas e provocavam derrota na guerra. À exemplo do pajé, profundo conhecedor dos segredos da natureza, o gesticular raivoso do pajé ao bater na rede do doente proferindo toda sorte de ameaças, é a prática usual para afugentar o espírito mal. Para os indígenas, o pajé tanto pode curar como provocar doenças e morte, sempre com o objetivo de restabelecer o equilíbrio natural, por isso é denominado de protetor da natureza. É comum entre os povos indígenas a ideia de que o pajé afugentava os animais de caça e pesca ou que os traziam de volta (LUCIANO, 2006).

A segunda forma de se contrair uma doença é provocada pela natureza em reação a algum mal causado anteriormente pelo homem a esta. Araújo (1959) registra em Piaçabuçu-AL a crença de que certas doenças são provenientes de fenômenos atmosféricos como trovoadas, ventos, eclipses, estrelas cadentes e cometas, outros males são originados pelo olhar do sapo, ou pelo bafo de certas cobras. O autor atribui esta herança aos índios Acauã, que vivem ainda hoje estão aldeados às margens do Rio São Francisco.

Mas nem tudo são males, entre os indígenas persiste a crença em uma ação protetora dos animais no Nordeste, predominantemente nos sertões, grande quantidade de ensinamentos

zoterápicos são passados de uma geração a outra. Nessa região, há registro do uso de animais medicinais para tratamento de doenças em diversas localidades incluindo comunidades tradicionais, como os povos indígenas locais (ALVES et al., 2009), desde vegetais a substâncias orgânicas e inorgânicas são utilizadas como matéria médica pelos índios, a exemplo da pedra pomes, sangue, urina, saliva, ossos, cabelos, chifres e cabeças de cobras que historicamente vem usando produtos animais para tais propósitos (CAMPOS, 1967; SÁ-MENEZES, 1957; SOUSA, 1971; SANTOS et al., 2016).

A predominância de remédios fornecidos pelas plantas sobre os de fonte mineral e animal tem sido apresentada através dos tempos, no entanto, o emprego de animais, de partes destes ou seus subprodutos na medicina indígena, se faz presente em diversas etnias, utilizando-se de banhas e partes como dentes, garras, ossos, couro, bico, chifres e patas carregados como amuletos ou transformados em pó para ingestão na forma de chás (CAMPOS, 1967).

No Brasil, documentos históricos e estudos recentes revelam que diversas espécies animais são usadas para fins medicinais por sociedades indígenas (BRANDÃO, 1618; CAMPOS, 1967; SÁ-MENEZES, 1957; PAIVA; CAMPOS, 1995; ALVES; ROSA, 2007; FERREIRA et al., 2013; OLIVEIRA et al. 2010). Pêro de Magalhaes Gandavo na obra História e Província de Santa Cruz (1575), descrevendo a rica fauna do Nordeste brasileiro, cita a paca, cuja carne “é muito saborosa, e tão sadia, que se manda dar aos enfermos, porque para qualquer doença é proveitosa e não faz mal a nenhuma pessoa”.

Em Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros, Martius (1844), relata que os índios observando que as cobras venenosas nunca ficavam perto da cotia (*Dasyprocta aguti*), da anhumã (*Palamedea cornuta*), e da jaçanã (*Parrajacana*), capturavam esses animais e transformavam o bico, chifre, garras e esporões dasasasem pó, dos quais faziam beberagens, para se protegerem das serpentes. O autor tece comentários importantes sobre o médico, chamado pajé, como um indivíduo de ascendência e influencia na tribo que no seu exercício de cura, reúne superstição, crença em milagres, extravagância e a força do pensamento.

Excretas do animal homem como a saliva e a urina do pajé, também desempenham papel importante em muitas curas. Ao hálito do pajé, os indígenas atribuem força vivificadora, contrária à doença. Durante o ritual da cura o pajé escarra, fumiga, fricciona com plantas odoríferas e com sangue, cabelos e cinza de ossos, o corpo do paciente. O pajé dominava também a arte da cirurgia, cuidavam de fraturas, utilizando-se do ferrão da arraia, da ponta do bico do gavião ou do tucano, ou o dente afiado do quati e da cotia (SÁ-MENEZES, 1957).

Campos (1967), lista diversas doenças que atingiam o sertanejo nordestino e seu tratamento, constituindo um compêndio terapêutico que envolve superstições, crendices e meizinhas². Para Sá-Menezes (1957), a medicina entre os indígenas na Bahia, resumia-se no curandeirismo, no animismo, no totemismo, no exorcismo, na feitiçaria e na magia sexual.

Na região do baixo Rio São Francisco, Araújo (1959) descreve o uso do pó de estrela-do-mar, tomado com água morna, para curar tosse brava e puxada de peito, sendo também indicado para ‘desmantelo³ de mulher’ ou excesso de regras. Diversos outros animais ou partes destes tiveram seus usos registrados nas cidades ribeirinhas no sertão de Alagoas, mas comumente em forma de chás ou cataplasmas, além de seus excrementos como fezes, saliva e cera de ouvido (LAGES FILHO, 1934; BRANDÃO, 1949; ROCHA, 1985; MARQUES, 1995; MALLMANN, 1996).

²**Meizinhas:** medicamento, remédio, beberagem grosseira, droga, misto de substâncias complexas (CASCUDO, 2012).

³Quando ocorre excesso de fluxo menstrual.

A importância dos produtos zooterápicos na medicina tradicional da região Nordeste tem sido registrada em vários estudos recentes, tanto para áreas rurais quanto urbanas (ALVES; SILVA; ALVES, 2008; ALVES et al., 2009; 2012b; 2012c; 2012c; BEZERRA et al., 2013; CABRAL et al., 2013; DIAS et al., 2013). Não obstante, são poucos os trabalhos com foco na medicina tradicional praticada em comunidades indígenas da região (BANDEIRA, 1972; COSTA-NETO, 1999; LIMA; SANTOS, 2010; PAIVA; CAMPOS, 1995; PEREIRA; SCHIAVETTI, 2010; SANTOS et al., 2016). Neste sentido, esta discussão traz uma contribuição inegável, buscando despertar nosso leitor para realizar leituras e estudos sobre o registro das espécies animais utilizados na medicina tradicional dos índios do sertão nordestino. Contribuindo dessa forma com a sistematização dos saberes e fazeres locais, promovendo a afirmação identitária, o reconhecimento e o respeito às diversas expressões culturais dos povos indígenas dessa região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parte da população humana que reside no semiárido nordestino, incluindo-se os povos indígenas, vive sob condições adversas impostas pelas características ambientais da Caatinga, como a irregularidade no período das chuvas com grandes períodos de seca que impactam a agricultura de subsistência e a criação animal. Essa realidade faz com que os povos que aí habitam busquem novas formas de suprir suas necessidades proteicas, praticam a coleta dos recursos naturais disponíveis no ambiente, entre eles os animais da Caatinga, que são utilizados como fonte de proteínas e para suprir outras necessidades do grupo social.

Dessa forma, o uso da fauna silvestre pelos povos indígenas no semiárido do Nordeste brasileiro, representa uma prática cultural, traduzida pela importância da caça na alimentação pelas etnias que aí vivem. No entanto, a continuidade e intensificação da captura de animais silvestres poderão acarretar prejuízos à biodiversidade local. Dessa forma, medidas conservacionistas com o intuito de minimizar as pressões à fauna local devem ser efetivadas. Destacamos que a caça não se constitui na única ameaça à vida silvestre na região semiárida do Nordeste. A remoção da vegetação da Caatinga, afeta direta ou indiretamente a vida dos animais, que se tornam escassos na região, afetando conseqüentemente as expressões culturais tradicionais associados à utilização dos animais.

Essas constatações devem ser consideradas na elaboração de projetos visando tanto a conservação da fauna, como a continuidade do acesso a esses recursos pelos povos tradicionais, proporcionando a permanência das diversas expressões da cultura dos povos indígenas na região. Para isso, devem-se buscar estratégias educacionais em conjunto com a população indígena, que despertem para os possíveis problemas que podem ser gerados a partir da extinção local de espécies, como por exemplo, o desaparecimento da arte plumária, pela redução de espécies alterando o modo de fazer artesanato, transformando e descaracterizando a plumária tradicional.

Faz-se mister, portanto, o desenvolvimento de estudos que enfatizem a integração de saberes e práticas, bem como dirigir nossa atenção ao conhecimento local, fazendo emergir o universo cultural de povos indígenas, focando nos conceitos, classificação, uso e gestão dos recursos naturais, aliando a conservação desses recursos a manutenção das culturas das populações locais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. et al. Natural Products from Ethnodirected Studies: revisiting the ethnobiology of the zombie poison. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, [S. l.], v. 2012, 2012.
- ALVES, R. R. N. An Ethnozoological Survey of Medicinal Animals Commercialized in the Markets of Campina Grande, NE Brazil. **Human Ecology Review**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 11-17, 2010.
- ALVES, R. R. N. et al. Animal-based Remedies as Complementary Medicines in Santa Cruz do Capibaribe, Brazil. **BMC Complement Alternative Medicine**, [S. l.], v. 44, n. b, p. 1- 9, 2008.
- _____. Hunting Strategies Used in the Semi-arid Region of Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 1-50, 2009.
- _____. Animal-Based Remedies as Complementary Medicines in the Semi-Arid Region of Northeastern Brazil. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, [S. l.], v. 1, 2011.
- _____. A Review on Human Attitudes Towards Reptiles in Brazil. **Environmental Monitoring and Assessment**, [S. l.], v. 184, n. 11, 2012a.
- _____. A Zoological Catalogue of Hunted Reptiles in the Semiarid Region of Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S. l.], v. 8, n. 27, 2012b.
- _____. Relationships Between Fauna and People and the Role of Ethnozoology in Animal Conservation. **Ethnobiology and Conservation**, [S. l.], v. 1, p. 1-69, 2012c.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Zootherapeutic Practices among Fishing Communities in North and Northeast Brazil: a comparison. **Journal of Ethnopharmacology**, [S. l.], v. 111, n. 1, p. 82-103, 2007.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L.; SANTANA, G. G. The Role of Animal-derived Remedies as Complementary Medicine in Brazil. **BioScience**, [S. l.], v. 57, n. 11, p. 1- 7, 2007.
- ALVES, R. R. N.; SILVA, C. C.; ALVES, H. N. Aspectos Socioeconômicos do Comércio de Plantas e Animais Medicinais em Área Metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, São Cristóvão, SE, v. 8, n. 1, p. 181-189, 2008.
- ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S. l.], v. 7, n. 22, p. 1-18, 2011.
- ARAÚJO, A. M. **Medicina Rústica**. 3 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1959, 301 p.
- SANTOS, Carlos A. B. Reflexões sobre o uso da fauna silvestre como recurso medicinal pelos povos indígenas no semiárido nordestino. **Revista Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 3, n.º. 08, 2017.

- BARBOSA, J. A. A.; NOBREGA, V. A.; ALVES, R. N. N. Aspectos da Caça e Comércio Ilegal da Avifauna Silvestre por Populações Tradicionais do Semiárido Paraibano. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, São Cristóvão, SE, v. 10, n. 2, p. 39-49, 2010.
- BEZERRA, D. M. M.; ARAÚJO, H. F. P.; ALVES, R. R. N. The Use of Wild Birds by Rural Communities in the Semi-arid Region of Rio Grande do Norte State, Brazil, **Bioremediation. Biodiversity & Bioavailability**, [S. l.], v. 5, p. 117-120, 2011.
- BEZERRA, D. M. M.; et al. Birds and People in Semiarid Northeastern Brazil: symbolic and medicinal relationships. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 1-20, 2013.
- BRANDÃO, A. F. **Diálogos das Grandezas do Brasil**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1618.
- BRANDÃO, T. **Folclore de Alagoas**. Maceió: Casa Editora Ramalho, 1949.
- CABRAL, M. E. S. et al. Evaluations of the Antimicrobial Activities and Chemical Compositions of Body Fat From the Amphibians *Leptodactylus Macrosternum* Miranda-Ribeiro (1926) and *Leptodactylus vastus* Adolf Lutz (1930) in Northeastern Brazil. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, [S. l.], v. 2013, p. 1-7, 2013.
- CAMPOS, E. **Medicina Popular do Nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1967.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- COSTA NETO, E. M. A Utilização Ritual de Insetos em Diferentes Contextos Socioculturais. **Sitientibus: série ciências biológicas**, Feira de Santana, v. 2, n.1/2, p. 97-103, 2002.
- COUTINHO, H. D. M. et al. Termite Usage Associated With Antibiotic Therapy: enhancement of aminoglycoside antibiotic activity by natural products of *Nasutitermes corniger* (Motschulsky 1855). **Complementary and Alternative Medicine**, [S. l.], v. 9, n. 35, p. 1-4, 2009.
- CULLEN JR. L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PÁDUA, C. (Orgs.). **Métodos de Estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre**. Curitiba: Editora UFRP, 2004. 665 p.
- DEHOUE, D. Un Ritual de Cacería: un conjuro para cazar venados de Ruiz de Alarcón. **Estudios de Cultura Nahuatl**, [S. l.], v. 40, p. 299-331, 2009.
- DIAS, D. Q. et al. Chemical Composition and Validation of the Ethnopharmacological Reported Antimicrobial Activity of the Body Fat of Phrynosoma geoffroanus Used in Traditional Medicine. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, [S. l.], v. 2013, p. 1-4, 2013.
- DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERNANDES-FERREIRA, H. et al. Hunting, Use and Conservation of Birds in Northeast Brazil. **Biodiversity and Conservation**, [S. l.], n. 21, p. 221-244, 2012.

FERREIRA, F. S. et al. The Trade in Medicinal Animals in Northeastern Brazil. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, [S. l.], v. 2012, p. 1-20, 2012.

_____. The Trade of Medicinal Animals in Brazil: current status and perspectives. **Biodiversity and Conservation**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 839-870, 2013.

GANDAVO, P. M. **História da Província de Santa Cruz**. Belém: Universidade da Amazônia, Núcleo de Educação a Distância, 1575. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/159.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

INSA - Instituto Nacional do Semiárido. (2010). População do semiárido brasileiro. <http://www.insa.gov.br/>

LAGES FILHO, J. **A medicina popular em Alagoas**. Salvador: Separata dos Arquivos do Instituto Nina Rodrigues, 1934. 324p.

LEO NETO, N. A. **A Ciência da Caça**: estratégias e construções simbólicas sobre atividades cinegéticas entre os índios de Atikim-Umã (PE). 2011. 140 f. Tese (Doutorado)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, J. **Dialogismo e autoria**: análise diacrônica. 2008. 130 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LEO NETO, N. A. et al. Mollusks of Candomblé: symbolic and ritualistic importance. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S. l.], v. 8, n. 10, 2012.

LEO NETO, N. A.; BROOKS, S. E.; ALVES, R. R. N. From Eshu to Obatala: animals used in sacrificial rituals at Candomblé "terreiros" in Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, [S. l.], v. 5, n. 23, 2009.

LIMA, J. R. B.; SANTOS, C. A. B. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararu no nordeste do Estado de Pernambuco, Brasil. **Etnobiología**, [S. l.], v. 8, p. 39-50. 2010.

LUCIANO, G. S. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. 236 p.

MALLMANN, M. L. W. **A farmacopéia do mar**: invertebrados marinhos de interesse médico e a etnomedicina alagoana. Monografia de Especialização, Universidade Federal de Alagoas, 1996.

MARQUES, J. G. W. **Pescando Pescadores**: etnoecologia abrangente no baixo São

SANTOS, Carlos A. B. Reflexões sobre o uso da fauna silvestre como recurso medicinal pelos povos indígenas no semiárido nordestino. **Revista Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 3, n.º 08, 2017.

Francisco alagoano. São Paulo: NUPAUB / USP, 1995. 320 p.

MARTIUS, C. F. P. **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1844.

METRAUX, A. **A Religião dos Tupinambás**. São Paulo: Brasiliense, 1948.

OJASTI, J. **Manejo de Fauna Silvestre Neotropical**. [S. l.]: Instituto de Zoologia Tropical, 2000. 200p.

OLIVEIRA, L. M. S. R.; SOUZA, J. M. (Des) caminhos da pesca artesanal no Submédio São Francisco. **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Ano XII. Edição especial: p. 86-90, 2010.

Submetido em: Dezembro de 2016

Aprovado em: Maio de 2017